

## **IDENTIDADE & DIFERENÇA: REFLEXÕES A PARTIR DO COTIDIANO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Leonardo de Carvalho Duarte  
Fernando Reis do Espírito Santo

### **RESUMO**

O artigo apresenta-se como estudo teórico de caráter bibliográfico e teve como objetivo problematizar o tratamento dado pelos professores às questões da identidade e diferença nas aulas de Educação Física Escolar, discutindo possibilidades da prática pedagógica desses profissionais a partir do cotidiano das aulas. Apresenta elementos acerca da Educação Física, do cotidiano escolar, da identidade e diferença estabelecendo relações com a prática pedagógica dos professores. Identifica fatores que permitem pré-supor limitações para a intervenção do professor, destacando a falta de subsídios necessários a problematização da identidade e da diferença como produções sociais e culturais e desafio pedagógico e curricular.

Palavras-chave: Educação Física. Identidade. Diferença. Cotidiano escolar

### **ABSTRACT**

The article presents itself as a bibliographic theoretical study and aimed to discuss the treatment given by teachers to issues of identity and difference in physical education classes in school, discussing the possibilities of teaching professionals from the routine of classes. It presents evidence about the Physical Education, the school routine, identity and difference by establishing relations with the practical teaching of teachers. It identifies factors which suppose limitations for the teacher's intervention, highlighting the lack of subsidies needed to question the identity and difference as social and cultural productions such as the curricular and teaching challenges.

Key words: Physical Education. Identity. Difference. Daily school

### **RESUMEN**

El artículo se presenta como un estudio teórico de carácter bibliográfico cuyo objetivo fue discutir el trato dado por los docentes a las cuestiones de la identidad y la diferencia en las clases de educación física en la escuela, discutiendo las posibilidades de los profesionales de la enseñanza desde la rutina de las clases. Presenta evidencia acerca de la Educación Física, la rutina de la escuela, la identidad y la diferencia mediante el establecimiento de relaciones con la enseñanza de los docentes. Identifica los factores que implican limitaciones a la intervención del docente, poniendo de relieve la falta de subsidios necesarios para la discusión de la identidad y de la diferencia como producciones sociales y culturales y como un desafío pedagógico y curricular.

Palabras clave: Educación Física. Identidad. Diferencia. Rutina Escolar

## INTRODUÇÃO:

Ultimamente temos falado bastante em Identidade e Diferença, essas duas expressões tiveram destaque nas últimas décadas e vem sendo objeto de investigação de muitos autores que dedicam estudos preocupados com a conceituação e o desvelar desses fenômenos, principalmente, no campo da Educação. A problematização desses fenômenos tem sido um dos grandes desafios na atualidade para o sistema educacional e as instituições regulares de ensino.

A escola é uma instituição social que assume um importante papel na formação humana, intelectual e cultural de um povo. Responsável por parte significativa na vida, especialmente, na educação das pessoas, que se caracteriza como um espaço que participa diretamente da constituição dos sujeitos, sua personalidade, sua identidade e pelo acolhimento as diversidades e diferenças. Entretanto, ainda nos inquieta o tratamento dado às questões referentes à identidade e a diferença no cotidiano escolar.

O currículo, o projeto político-pedagógico, a infra-estrutura arquitetônica e, especialmente, a prática pedagógica dos profissionais de educação, (professores, coordenadores, estagiários, etc.) não passaram pelas adequações necessárias, ou talvez, estas ainda sejam insuficientes, para responder aos novos desafios propostos à escola.

Para TEDESCO:

“(...) o desafio educativo implica desenvolver a capacidade de construir uma identidade complexa, uma identidade que contenha a pertinência a múltiplos âmbitos: local, nacional e internacional, político, religioso, artístico, econômico, familiar etc. A essência da cidadania moderna é, precisamente, a pluralidade de âmbitos de desempenho e a construção da identidade baseada nessa pluralidade e não em apenas um eixo dominante e excludente”. (TEDESCO, 1995 apud TEDESCO 2002).

Num contexto de globalização onde as distancias e fronteiras tornam-se cada vez menores, especialmente, em países como o Brasil que tem uma enorme diversidade cultural e étnica, por exemplo, registradas pela própria constituição histórica do seu povo, a construção da identidade baseada na pluralidade, como sugere o autor, vai além do desafio, é uma urgente necessidade. É fundamental o rompimento com a lógica da homogeneização impregnada na escola, a fim de que possamos reconhecer e problematizar a complexidade da identidade e da diferença.

O cotidiano de uma escola apresenta uma riqueza fantástica de diversidades culturais, políticas, econômicas, religiosas, etc. que identificamos nas relações, entre alunos, professores, coordenadores, direção, funcionários, famílias, ou seja, nas relações sociais da comunidade escolar. Essa vida em comunidade assegura trocas e experimentações necessárias ao desenvolvimento do ser humano. É neste contexto que acontecem também as nossas aulas de Educação Física Escolar, o que justifica o nosso interesse pela investigação do tema, trazendo para um debate e estudo científico questões da Educação Física relacionados com a identidade e a diferença.

Diante essa diversidade e desafio a Educação Física deverá encontrar problemas significativos já que historicamente não se preocupou com as diferenças, valorizando sempre os mais habilidosos e estabelecendo padrões para a sua prática. Partindo desse pressuposto é que surge a pergunta que norteia este estudo: Como os professores de Educação Física estão lidando com a identidade e as diferenças nas suas aulas de

## Educação Física Escolar?

Este artigo se apresenta como um estudo teórico de caráter bibliográfico que segundo GIL (2002) é aquele desenvolvido com base em materiais elaborados anteriormente, constituído principalmente de livros e artigos científicos. E tem como objetivo evidenciar e analisar o tratamento que vem sendo dado pelos professores às questões da identidade e da diferença nas aulas de Educação Física Escolar, bem como discutir possibilidades da prática pedagógica desses profissionais no trabalho com turmas regulares que contém alunos que fazem parte de qualquer grupo considerado “minoría”.

### 1. EDUCAÇÃO FÍSICA E COTIDIANO ESCOLAR

A Educação Física sempre teve espaço garantido nas instituições regulares de ensino, basta observar algumas políticas educacionais como, por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. A Educação Física foi contemplada nas três edições desta legislação desde a primeira em 1961 (Lei nº. 4.024 de 20 de dezembro de 1961) na segunda, dez anos depois em 1971 (Lei nº. 5.692 de 11 de agosto de 1971) e também na terceira e atualmente em vigor em 1996 (Lei 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996). Esses marcos legais nos permitem afirmar que a Educação Física acompanha e participa da história do sistema educacional brasileiro e, principalmente, que compõe o currículo e a formação escolar há muito tempo<sup>1</sup>.

Historicamente a formação profissional e a prática escolar da Educação Física brasileira foi orientada pelo paradigma da aptidão física fundamentada, especificamente, nas ciências biológicas. Somente a partir do final da década de 1970<sup>2</sup> com o contexto histórico nacional de redemocratização novas produções, fundamentadas pelas ciências sociais e humanas, interferiram no contexto da Educação Física brasileira. Após esse período, especificamente, na década de 1990 se concretizaram uma série de proposições metodológicas para a prática da Educação Física Escolar<sup>3</sup>.

Não é intenção deste estudo, discutir o conteúdo de tais proposições, entretanto é importante destacar que estas aparecem como uma intenção direta e efetiva de mudanças na prática docente e que atualmente subsidiam ou, ao menos, poderiam estar orientando a intervenção pedagógica do professor, não fosse o grande abismo ainda existente entre as produções teóricas e a atuação profissional. O que se constitui como um dos grandes desafios da universidade como um todo. Democratizar cada vez mais o acesso às produções acadêmicas, possibilitando a chegada destes conhecimentos, proposições, projetos, pesquisas, etc. na intervenção efetiva dos profissionais, ou seja,

---

<sup>1</sup> Podemos ver mais sobre o assunto em: CASTELLANI FILHO, Lino. A Educação Física no sistema educacional brasileiro: Percurso, panorama e perspectivas. 1999. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal de Campinas, Campinas, 1999.

<sup>2</sup> O fim da década de 1970 e a década de 1980 retratam um momento histórico muito importante para o desenvolvimento da Educação Física brasileira. Conhecido como momento de “crise de identidade” se caracteriza pelo intenso debate acadêmico, aumento quantitativo e qualitativo de produções científicas e mobilização estudantil, perspectivando a discussão de temas que perpassam a redefinição do papel da Educação Física na sociedade brasileira até questões ligadas às mudanças necessárias ao nível da prática efetiva dos professores de Educação Física.

<sup>3</sup> Trabalhos como o de ABIB (1997); DARIDO (2003); XAVIER NETO (2005) discorrem com mais detalhes sobre estas proposições metodológicas.

por em prática os discursos, teorias e produções acadêmicas.

Trabalhos como o de DARIDO (2003), XAVIER NETO (2005) e SEABRA JR (2006) possibilitam destacar a coexistência atual de várias destas abordagens e enquanto discutem algumas dentre elas, nos permitem identificar que nenhuma abordagem faz menção direta às questões da identidade e da diferença. Poucas se aproximam desta perspectiva apenas quando apontam, por exemplo, princípios da “não exclusão”, “escola para todos” e da “inclusão” ou quando sugere tal conteúdo enquanto temas transversais, caso específico dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN’s.

Desta forma se configura uma falta de subsídios para que os professores de Educação Física problematizem a identidade e as diferenças durante as suas aulas. O que se torna um enorme problema para a prática pedagógica deste profissional já que sua atuação se insere como vimos anteriormente, no universo de construção e acolhimento da escola. E mais ainda porque temos o desafio de superar, definitivamente, o paradigma da aptidão física que supervaloriza os mais habilidosos, os mais fortes, os mais velozes, o “padrão” em detrimento dos menos habilidosos, menos forte, menos velozes, ou seja, todos os que estão fora do padrão.

## 2. REFLETINDO A IDENTIDADE E DIFERENÇA

Identidade e Diferença enquanto conceitos estão interligados em seus sentidos e significados e têm representações em muitas áreas do conhecimento humano. Vamos ver num dicionário da língua portuguesa, instrumento de pesquisa comum que nos auxilia com a decodificação das palavras, o que significam, pragmaticamente, estes conceitos antes de continuar nossas reflexões.

- Identidade – “1. Qualidade de idêntico. 2. Os caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.” (AURÉLIO, 2004, p.459).
- Diferença – “1. Qualidade de diferente. 2. Divergência; desarmonia. 3. Distinção 4. Aquilo que distingue ou torna desiguais as coisas ou pessoas tomadas em comparação.” (AURÉLIO, 2004, p.317).

É importante reconhecer que o dicionário não nos apresenta a totalidade da coisa, mas importa neste momento que ele nos apresenta uma definição, significado das palavras, de onde podemos partir quando estamos diante destas.

Se observarmos apenas as definições trazidas pelo dicionário, identidade e diferença parecem representar oposição uma à outra, enquanto *qualidade do que é idêntico* e *qualidade do que é diferente*, ou seja, enquanto uma tem a ver com o que é igual, a outra tem a ver com o que é diferente. Entretanto temos uma série de questões mais complexas nessa discussão e vamos tentar dialogar com alguns autores a fim de apresentar elementos para nossa reflexão.

SILVA (2000) faz uma síntese descrevendo o que a identidade não é e o que a identidade é, destacando que tudo vale igualmente para diferença. Segundo ele:

“Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A

identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade esta ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas relações com conexões de poder.” (Silva 2000, p.96/97).

Passamos da simples conceituação no dicionário para uma reflexão complexa que certamente poderá deixar o leitor um tanto perdido. Neste momento você deve estar se perguntando como identidade e diferença se tornaram tudo isso? SILVA discute detalhadamente a identidade e a diferença em seu trabalho<sup>4</sup> até chegar à síntese apresentada, entretanto só poderemos aqui destacar elementos centrais para o entendimento da síntese, considerando argumentos apresentados pelo próprio autor, além de recomendar a leitura do trabalho citado.

Dizer que a identidade e a diferença não são essência ou fato contrapõe a tendência que temos de essencializar, cristalizar as coisas. Nos alerta que, de perto, quase nada é somente o que parece ser. Quanto, identidade e diferença não serem fixa, permanente, estável, basta reconhecer que a vida é dinâmica, o mundo é dinâmico. O tempo não para e mudanças e transformações sempre estão acontecendo. A identidade e a diferença não fazem parte do mundo concreto, são criações da linguagem, por isso estão ligadas a estruturas discursivas e narrativas, são produções sociais e culturais. Em todo mundo as produções sociais se dão diante a arena de conflitos entre dominantes e dominados, por isso a estreita relação com conexões de poder.

Diante disso podemos pensar que identidade e diferença são a mesma coisa? Também não. Elas são interdependentes, dividem características em comum. Entretanto a identidade se apresenta como uma afirmação (geralmente positiva) sobre nós mesmos enquanto a diferença como uma marca (geralmente negativa) do outro.

“O outro diferente funciona como depositário de todos os males, como o portador das *falhas* sociais. Esse tipo de pensamento supõe que a pobreza é do pobre; a violência, do violento; o problema de aprendizagem, do aluno; a deficiência, do deficiente; e a exclusão do excluído.” (DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001, p.124).

Esse pensamento pode gerar um processo de “culpabilização da vitima” como tentativa de dissolver a heterogeneidade do social e responsabilizar o diferente pelos problemas sociais e pela impossibilidade de se construir uma identidade homogênea.

SAWAIA (1999) destaca que “a identidade é conceito político ligado ao processo de inserção social em sociedades complexas, hierarquizadas e excludentes”. O autor aponta o perigo de que a identidade possa tornar-se uma “ideologia separatista” quando utilizamos desta categoria como estratégia para regular as relações de poder ou para estigmatizar, discriminar e explorar o outro.

“(…) identidade é uma categoria política disciplinadora das relações entre pessoas, grupos, ou sociedades, usadas para transformar o outro em estranho, igual, inimigo ou exótico.”

---

<sup>4</sup> Tomaz Tadeu da Silva. A produção social da identidade e da diferença. In. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward – Petrópolis – RJ: vozes, 2000.

(SAWAIA, 1999, p.123).

Desta forma percebemos que identidade e diferença são mais complexas do que inicialmente podemos pensar. Por isso faz-se necessária a problematização destes fenômenos a fim de que possamos compreendê-las dentro desse universo complexo e busquemos em nossa prática pedagógica desconstruir mitos e preconceitos, perspectivando transformações sociais a partir de mudanças proporcionadas pelo cotidiano escolar, através de experiências educativas que questionem a identidade e a diferença.

### 3. EDUCAÇÃO FÍSICA & IDENTIDADE E DIFERENÇA

Durante um jogo, uma brincadeira ou a prática de um esporte, momentos constantes das aulas de Educação Física Escolar, geralmente, evidenciamos questões de preconceitos de diferentes ordens, conflitos de gênero, atitudes de exclusão entre os alunos, etc. Essas são questões quase rotineiras com que os professores se defrontam no cotidiano.

A disputa sexista entre as crianças provocando muitas vezes a não participação das meninas em atividades que são consideradas “de meninos” como, por exemplo, o jogo de futebol. Geralmente as meninas não participam das partidas de futebol por não se sentirem confortáveis, porque não querem ou porque não se sentem autorizadas a participar. Na maior parte das vezes o que provoca o desconforto, o não querer, ou a não autorização são as críticas dos colegas do sexo “oposto” e os preconceitos construído socialmente que estigmatizam aquelas que ousam participar.

Essa situação põe em discussão a diferença sexual e os mitos e preconceitos que cercam esta questão. Segundo FERRE:

“(…) a diferença sexual é a diferença humana fundamental e aquela que possibilita a grande riqueza da diversidade e, ao mesmo tempo, a mesquinhez com que ela é tratada. (...) E é esta primeira diferença negada, subsumida, hierarquizada, a que foi tomando forma e criou a ordem simbólica que estendemos a todas as demais diferenças da diversidade Humana.” (FERRE, 2001, p.207-208)

Apesar disso ainda existem locais que separam meninos e meninas na hora das aulas de Educação Física e se furtam da problematização dessa questão, perpetuando a hierarquização entre o homem e a mulher. É comum no processo de educação de crianças frases tipos “futebol e jogo de menino”, “menina tem que brincar de boneca”. E a escola acaba repetindo o que muitos pais fazem com seus filhos, segregando o mundo em masculino e feminino.

Outra situação com a qual se depara o professor nas aulas de educação física é a exclusão dos menos habilidosos ou daqueles que não se enquadram num determinado padrão. Por exemplo, os baixinhos quase sempre ficam de fora do time de vôlei e basquete e os gordinhos não participam das corridas. No primeiro momento não se observam as possíveis qualidades ou habilidades das pessoas, prevalecendo os estereótipos e padrões. Mesmo não existindo garantia nenhuma que os altos e os magros são “melhores” que os baixinhos e gordinhos.

Mais difícil ainda são as situações de exclusão que ocorrem quando temos um

aluno deficiente freqüentando aulas na turma regular. A deficiência parece criar uma barreira na participação desta pessoa. O tipo e o grau de deficiência serão fatores importantes no desenvolvimento do aluno, possibilitando ou limitando mais ou menos a participação, a convivência e a aprendizagem. Apesar disso a deficiência ou necessidade especial em si desencadeia um processo de exclusão dessa criança das aulas de Educação Física.

Situação não menos comum são os preconceitos e exclusão por causa de diferenças étnico-raciais. Turmas que tem minoria negra, por exemplo, normalmente vivenciam problemas de racismo durante o desenvolvimento da aula, seja em situações de competições ou atividades de socialização e integração onde os alunos precisam compartilhar espaços, materiais, experiência, etc.

Todas essas são situações que atravessam o cotidiano escolar e as aulas de Educação Física. Diante delas, o professor é o principal convocado a dar respostas através da sua intervenção pedagógica. Contudo nem sempre estes profissionais conseguem atender a convocação e responder concretamente a tais questões. Muitas vezes faltam subsídios para que o professor supere as situações, principalmente por que: a) O currículo escolar e/ou o projeto político pedagógico, quando existe, não orientam a prática na perspectiva de questionar a identidade e a diferença, b) a infra-estrutura física e espacial não atende as necessidades para o desenvolvimento do trabalho, quase nunca sofrem adequações necessárias para garantir a acessibilidade de pessoas com deficiência. c) A formação profissional não possibilitou o conhecimento necessário para enfrentar os problemas da prática pedagógica, preocupando-se somente com o conhecimento técnico específico.

Trabalhos como o de LUNA (2005) e OLIVEIRA (2006) confirmam a existência de elementos que sugerem limitações para a atuação desses profissionais.

“Nas análises dos programas, verificamos que, nos cursos de Licenciatura em Educação Física, mesmo nas disciplinas que estão no quadro da formação geral e que são identificadas como áreas do conhecimento de cunho humanístico (conhecimento filosófico, do ser humano, da sociedade), não aparece formalmente uma preocupação humanística com as minorias, e entre elas as Pc/NE. Para se incluir a diversidade, deve haver modificações internas no currículo e nas escolas. Mudanças na organização, na oferta de apoio a professores e alunos, nas classes, na utilização de recursos humanos, materiais, pedagógicos, físicos da comunidade, alterações estruturais e arquitetônicas, preparação do pessoal técnico- administrativo e tudo mais que ocorra como necessário.” (LUNA, 2005, p.75)

“Constatou-se que os docentes fizeram cursos de formação inicial e continuada que atribuíram à deficiência um olhar de desvio, anormalidade, ou seja, as suas formações concretizaram-se centradas numa ação para trabalhar homogeneizando a turma, não percebendo a complexidade e a diversidade humana presente na sala de aula.” (OLIVEIRA, 2006, p.158).

Estes são alguns dos fatores que nos possibilitam pré-supor que existem limites na prática pedagógica dos professores de Educação Física quando estão diante a

questões da identidade e da diferença. Acarretando num tratamento que não supera as questões colocadas e não atendem ao desafio da construção da identidade complexa e da diversidade humana.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física precisa também responsabilizar-se junto com a escola, já que faz parte do cotidiano escolar, como vimos anteriormente, pela construção de uma nova perspectiva da identidade e da diferença. A intervenção do professor diante destas questões deve ser consciente da complexidade e da diversidade humana. Não bastam o respeito e a tolerância dissociados da compreensão destes fenômenos como produções sociais e culturais do homem.

Segundo SILVA (2000) “a questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular”.

“Uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença tem a obrigação de ir além das benevolentes declarações de boa vontade para com a diferença. Ela tem que colocar no seu centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-las”. (SILVA, 2000, p.100).

Eh possível afirmar, a partir deste estudo que a prática pedagógica dos professores de Educação Física ainda não encontra os subsídios necessários a problematização da identidade e da diferença. A construção da “identidade plural” e o acolhimento à diversidade humana só poderão acontecer de fato quando mudanças significativas no currículo da formação profissional, no currículo escolar, no projeto político pedagógico e na infra-estrutura arquitetônica se concretizarem.

Em termos educacionais, o desenvolvimento desse sentido plural de pertinência, que combine a adesão e a solidariedade local com a abertura às diferenças, implica introduzir maciçamente nas instituições escolares a possibilidade de realizar experiências que fortaleçam esse tipo de formação. (...) A escola é um âmbito privilegiado para o desenvolvimento de experiências desse tipo, que possam ser organizadas com propósitos educativos. (TEDESCO, 2002)

Os estudos ou e autores aqui analisados nos mostram que a escola sendo o local privilegiado para construção do conhecimento e para constituição dos sujeitos sociais precisa ousar no desenvolvimento de experiências que sejam capazes de questionar a identidade e a diferença, desvelando mitos e rompendo com os interesses dominantes, que imobilizam e ocultam verdades, e reconhecer a existência de múltiplas identidades e da diversidade humana.

#### REFERENCIAS:

ABIB, Pedro. Abordagem Socio-Antropologica em Educação Física Escolar, Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil 1997.



- CASTELLANI FILHO, Lino. A Educação Física no sistema educacional brasileiro: Percurso, panorama e perspectivas. 1999. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal de Campinas, Campinas, 1999.
- DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DAOLIO, J. Educação Física Brasileira: Autores e atores da década de 1980. Campinas-SP, Papirus, 1998.
- DUSCHATZKY, Silvia e SKLIAR, Carlos. O nome dos outros: Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos (orgs.) Habitantes de Babel: políticas e poética da diferença. Belo Horizonte; Autentica, 2001.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. 13 ed. São Paulo, ed. Paz e Terra. 1996
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social, 5ª edição, São Paulo. Atlas, 2002.
- GRIGNON, Claude. Cultura dominante, cultura popular e Multiculturalismo popular. In SILVA, T. T. da (org.) Alienígenas na sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995 – (coleção estudos culturais em educação).
- LUNA, Cristiane Freitas. Educando para a diferença: análise crítica do conhecimento sobre pessoas com necessidades especiais nos currículos dos cursos de educação física, 2005. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Salvador, 2005
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª série. Brasília: SEF/MEC, 1997. V.7.
- OLIVEIRA, João Danilo B. Produção de sentido sobre a deficiência e o aluno deficiente presentes nas representações dos professores de Educação Física, 2006. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade federal da Bahia, Salvador 2005.
- SAWAIA, Bader. Identidade – uma ideologia separatista. In As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da exclusão, SAWAIA, Bader (org.). 4ª edição, Petrópolis, RJ, Vozes 1999.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais, Petrópolis, RJ, Vozes 2000.
- TEDESCO, Juan Carlos. Os fenômenos de segregação e exclusão social na sociedade do conhecimento. Cadernos de Pesquisa; n.117 São Paulo nov. 2002.
- XAVIER NETO, Lauro Pires. Educação Física (saiba mais), Rio de janeiro, 2005. Coleção saiba mais sobre, volume 2.

Leonardo de Carvalho Duarte  
Professor de Educação Física – UFBA  
Mestrando em Educação – PPGE/FACED/UFBA.  
Endereço: Rua Fonte do Boi, nº 61, Rio Vermelho, CEP: 41.940-360 Salvador – BA.  
Email: [leoduaratef@hotmail.com](mailto:leoduaratef@hotmail.com)

Fernando Reis do Espírito Santo  
Professor Adjunto IV da UFBA  
Doutor em Educação PUC-SP

Recurso Necessário para comunicação oral: Data show – PowerPoint